



Secretaria  
de Cultura



# Relatório Geral

## Funções da equipe na pesquisa:

Oluyiá França de Moraes, Proponente, Coordenadora, Pesquisadora e Relatora  
Beatriz Arcoverde de Oliveira, Produção  
Daniela Patrícia Ferreira Azevedo, Produção Executiva  
Ubira Machado, Fotógrafo, Videomaker, social media  
Ayodê França, Designer da Logo

## Entrevistados durante a pesquisa:

Museu do paço do Frevo

Luiz Vinícius Maciel, Analista de Pesquisa

Mônica Silva, Gerência de Conteúdo

Museu da Abolição

Fabiana Salles, Diretora substituta e técnica em assuntos educacionais

Daiane Carvalho, Museóloga

Museu de Gonzagão

Romária Basto, Monitora e Guia

Museu do homem do Nordeste

Susan Araujo, integrante da coordenação de museologia

Noshua Moras, assessoria antropológica para a coleção afro-brasileira (março e setembro de 2024)

Museu Cais do Sertão

Keila Cerqueira, Gestora

Museu de Artes Afro-Brasil Rolando Toro

Lúcia Helena Ramos, Gestora

## Introdução:

Para entender a pesquisa de forma mais profunda é preciso ter em mente a diferença entre "negro" e "negritude". **Negro**: é um adjetivo que descreve a cor da pele ou a identidade racial de uma pessoa, geralmente associada àqueles que têm ascendência africana. Quando se diz "pessoa negra", está-se referindo à identidade racial dessa pessoa, ou seja, à cor de sua pele e à sua inserção no contexto de uma sociedade racialmente estruturada. O termo é utilizado para descrever indivíduos que fazem parte da diáspora africana, especialmente no Brasil, e se identifica com a ancestralidade africana. **Negritude**: refere-se a um conceito cultural, político e filosófico mais amplo que envolve a identidade, a história e a cultura dos povos africanos e da diáspora africana. A "negritude" é uma ideia que surgiu no contexto da luta contra o colonialismo e o racismo, sendo formulada por intelectuais africanos e afrodescendentes, como **Aimé Césaire**. Ela representa um movimento de afirmação da identidade negra, destacando as contribuições culturais e históricas da população negra, e enfatiza o orgulho racial e a luta contra a opressão e discriminação racial.

Dentro desse contexto, a preservação da memória e da cultura negra torna-se uma ação política essencial, uma vez que ela visa corrigir distorções históricas, combater o racismo e afirmar o valor da cultura negra. A pesquisa de Oluyiá França, ao focar nas frustrações e desafios enfrentados pelos museus pernambucanos, evidencia como essas instituições podem falhar em representar adequadamente a história e a cultura negra. Isso é um reflexo das dificuldades que a sociedade enfrenta ao lidar com uma visão histórica dominante que frequentemente marginaliza ou distorce as experiências e a contribuição dos negros para a formação da identidade nacional.

Ao mesmo tempo que esse relatório reconhece a relevância desses espaços para a memória coletiva, percebe-se também a carência de uma abordagem mais inclusiva e profunda sobre a história do povo negro, como demonstrado nas entrevistas realizadas. O estudo busca revelar como a indumentária, enquanto arte e história do vestuário, pode ser uma poderosa ferramenta de resgate cultural e fortalecimento da identidade, porém, não está recebendo a devida atenção e valorização nos espaços museológicos. A falta de representação e o desprezo por esse tipo de acervo nos museus acabam por silenciar a história e as contribuições dos grupos sociais, em especial do povo negro, e impedem que sua memória seja resgatada de maneira significativa.

Quando uma pessoa negra se vê representada no museu, nas roupas expostas, isso pode gerar um profundo sentimento de pertencimento. Ao longo de diferentes épocas, em movimentos sociais e culturais, fica evidente que o povo negro esteve presente em diversas atividades no estado, e as roupas se tornam um importante indicador de memória. A indumentária, nesse contexto, funciona como um elo de comunicação, demonstrando que o povo negro é multifacetado e culturalmente rico. As vestimentas são capazes de revelar como esses grupos sociais se comportam, suas práticas e modos de vida. Através das roupas, é possível ouvir sua história, perceber sua presença e entender suas contribuições, o que evidencia a importância dessa representação. Além disso, a indumentária nos museus se torna um elemento de reflexão sobre os critérios utilizados para a aquisição das peças e sobre os caminhos que essas vestimentas percorreram até chegar aos museus,

levantando questões sobre o processo de preservação e de reconhecimento da cultura negra.

Este trabalho foi feito com o intuito de promover uma reflexão e compreensão mais ampla sobre a importância da inclusão da história negra nos museus do estado de Pernambuco, suas contribuições e símbolos culturais, que estão muitas vezes ausentes ou sub-representados. Não se trata de uma crítica destrutiva, mas de uma análise construtiva e necessária sobre como os espaços culturais podem se aprimorar na forma de tratar a diversidade racial e étnica. Ao abordar, o mapeamento da indumentária negra nos museus de Pernambuco, traz à tona uma realidade que, para muitos, ainda é desconfortável, mas que precisa ser discutida e valorizada para a evolução e enriquecimento da nossa cultura e sociedade.

Infelizmente percebe-se aqui que o foco da pesquisa e do presente relatório se concentrou quase exclusivamente na ausência das peças de indumentária negra e nos problemas observados nos museus de Pernambuco. A pesquisadora já antecipava que essa seria uma investigação desafiadora, pois tinha um conhecimento prévio da escassez do acervo de indumentária negra nas exposições desses museus. Por essa razão, o mapeamento realizado teve como objetivo registrar os museus que possuem algum acervo relacionado ou que já apresentaram exposições com indumentária negra. Por consequência, o intuito central da pesquisa é expor essa realidade e destacar o impacto negativo que essa ausência de representação tem sobre o povo pernambucano.

Os museus de Pernambuco são espaços de fundamental importância para a preservação e valorização da história e cultura local, contudo como exposto a cima, a quase não presença da indumentária negra revela que em vários momentos os negros são apenas trabalhadores em cenários como no carnaval ou no sertão, mas não fazem parte da criação e da própria cultura. Os negros são representados por muitas vezes como meros executores, mas não como os criadores, não como os pilares desta cultura, o que ocorre também com a cultura indígena no estado. **Por isso, é fundamental que existam representações, como as roupas de pessoas negras – tanto anônimas quanto famosas, de todas as classes e épocas de Pernambuco – para que se compreenda que nós somos parte integral da cultura e da formação do estado como um todo.**

Esse é um problema que vai além dos museus, é algo que permeia toda a estrutura cultural do estado. A ausência de nossa presença autêntica e visível nas narrativas históricas e culturais revela um apagamento que precisa ser reconhecido e corrigido. A história e a cultura negra não podem ser tratadas como algo separado ou relegado a datas específicas, como o mês da Consciência Negra, um dia dedicado aos blocos afros no carnaval ou uma feira temática. Embora essas ações possam ser importantes para os estudos e para o fortalecimento de certas representações, essa segmentação contribui para a divisão da cultura e dificulta o entendimento de um verdadeiro pertencimento. Ao isolar essas expressões culturais, corre-se o risco de perpetuar a ideia de que “isso é coisa para negro”, quando, na realidade, são elementos fundamentais da identidade e da formação cultural do próprio estado de Pernambuco. A cultura negra não é um segmento à parte, mas uma parte integral e constitutiva da história e da cultura pernambucanas.

É importante relatar que algumas partes das entrevistas foram removidas com o objetivo de evitar desconforto para todas as partes envolvidas, não apenas em relação às questões sobre negritude, mas também em relação a perguntas sobre orçamentos, estruturas e questões político-partidárias. Essa decisão foi tomada para manter o foco da pesquisa, respeitando os limites e contextos das pessoas entrevistadas, sem deixar de abordar as questões relevantes que envolvem a presença e o reconhecimento da identidade negra nos museus de Pernambuco.

### **Relatos dos seis museus:**

O **Museu da Abolição** destaca-se pela infraestrutura e compromisso com a educação e cultura. Localizado em um casarão histórico, o museu oferece exposições temporárias e espaços interativos, como uma ludoteca para o público infantil. Enfatiza o papel do museu como um espaço dinâmico, acessível e envolvente, promovendo atividades culturais e socioeducativas, com parcerias comunitárias.

O **Paço do Frevo** é um museu dedicado ao frevo, com exposições, cursos e pesquisas nas áreas de música e dança. Com um acervo de livros, partituras, discos e materiais digitais, o museu desempenha papel vital na preservação e renovação estética do frevo, além de apoiar a comunidade carnavalesca.

O **MuAfro**, é um museu dedicado à arte afro-brasileira, com um acervo de peças que celebram a cultura afro-brasileira, como máscaras e esculturas. O museu promove oficinas de performance e dança e trabalha para tornar seu acervo mais acessível, como no caso da roupa de Naná Vasconcelos, destacando a memória afetiva e cultural.

O **Museu Cais do Sertão** oferece uma imersão na cultura nordestina, com destaque para os trajes de figuras icônicas como Luiz Gonzaga e os vaqueiros. Além das "Joias da Coroa", o museu preserva trajes tradicionais e promove acessibilidade, permitindo que pessoas com deficiência visual toquem nas peças.

O **Museu do Homem do Nordeste** preserva a memória afro-brasileira com um acervo diversificado, incluindo indumentárias de maracatus e Babalorixás. O museu destaca a importância da museologia e tem buscado valorizar o significado cultural e religioso dos objetos, além de realizar um trabalho contínuo de reexploração e visibilidade das coleções afro-brasileiras.

O **Museu do Gonzagão**, localizado em Exu, Pernambuco, preserva o legado de Luiz Gonzaga com itens originais, como suas icônicas vestimentas de couro, sanfonas e discos de platina. O museu também conserva a residência de Seu Januário e o mausoléu de Gonzaga, oferecendo uma imersão na cultura nordestina e permitindo aos visitantes se conectar com a história de Gonzaga e a cultura local por meio de suas vestimentas.

Segue abaixo um relato mais detalhado de cada um dos seis museus.

### **Museu da Abolição**

O Museu da Abolição, sob a liderança de Fabiana Salles, destaca-se por sua infraestrutura e compromisso com a educação e a cultura. Localizado em um casarão histórico do século

XVII, o museu oferece tanto exposições temporárias quanto espaços interativos, como uma ludoteca voltada para o público infantil. Fabiana enfatiza a importância do museu como um espaço dinâmico e acessível, promovendo atividades culturais e socioeducativas, e buscando parcerias com a comunidade para eventos e exposições. Com uma área externa arborizada e espaços internos para diferentes tipos de atividades, o museu visa ser um ponto de encontro para a sociedade, estimulando a participação e o envolvimento com sua programação.

O Museu da Abolição destaca-se pela valorização e preservação de elementos significativos da cultura negra, especialmente por meio de suas indumentárias religiosas. A entrevistada enfatiza o papel das peças no combate à intolerância religiosa, utilizando a arte como ferramenta de aproximação e educação. As indumentárias, com suas peças elaboradas e simbólicas, representam os orixás e abordam temas como a natureza e a religiosidade de matriz africana, sendo essenciais para fortalecer a autoestima de comunidades negras. O museu também se dedica à preservação de objetos étnicos africanos e está sempre aberto a receber doações, promovendo um espaço de identidade, memória e legado cultural.

Mas o depoimento de Daiane Carvalho, museóloga no Museu da Abolição, revela vários problemas e desafios enfrentados pela instituição, além de destacar questões relacionadas à preservação e valorização da indumentária e das tradições culturais negras. Aqui estão os pontos principais mencionados:

## 1. Problemas com a Exposição e o Acervo

- **Falta de Indumentária em Exposição:** No momento, o museu não tem nenhuma indumentária em exibição, pois o acervo está sem exposição. A exposição de 2010, que incluiu duas indumentárias religiosas, foi uma das últimas a apresentar essas peças. Desde então, as indumentárias não foram mantidas em exibição de forma contínua.
- **Indumentárias em Condições de Conservação Ruins:** As peças de indumentária que foram expostas em 2014 e 2016, embora elaboradas e visualmente impactantes, estão guardadas em condições precárias. A falta de espaço adequado e de mobiliário apropriado para a conservação dessas peças é um problema persistente.
- **Dificuldades de Acondicionamento:** Mesmo após um trabalho de conservação, as indumentárias estão acondicionadas de maneira inadequada, o que compromete sua preservação. Muitas das roupas estão guardadas embaladas em plásticos, e algumas peças ainda estão em estado de conservação ruim.

## 2. Desafios Financeiros e de Infraestrutura

- **Limitações de Recursos:** O museu enfrenta dificuldades financeiras e de infraestrutura, o que dificulta a aquisição e conservação de novas peças. Por exemplo, a proposta de receber 26 indumentárias de uma mãe de santo foi recusada, pois o custo de conservação seria alto e o museu não tinha espaço suficiente.

- **Reserva Insuficiente e Mobiliário Inadequado:** O museu não possui uma grande reserva técnica nem mobiliário adequado para armazenar as indumentárias, o que compromete a conservação de peças mais sensíveis e de grande valor cultural.

### 3. Problemas com o Processo de Doação

- **Critérios para Aceitação de Doações:** Embora o museu receba doações, as peças precisam atender a certos critérios. Isso inclui avaliar a relevância para o acervo do museu e a documentação da peça, como a comprovação de propriedade. O processo de doação parece ser rígido e burocrático, o que pode afastar algumas doações valiosas.
- **Ausência de Contexto das Peças Apreendidas:** Algumas peças de indumentária religiosa que chegaram ao museu não possuem informações claras sobre sua origem ou contexto, dificultando o processo de catalogação e pesquisa.

### 4. Reflexão sobre a Representação e a Importância das Indumentárias

- **Valorização da Cultura Negra:** Daiane ressalta que as indumentárias religiosas têm um valor simbólico imenso para a cultura negra, ajudando a representar os orixás e a religiosidade de matriz africana de forma artística. Essas peças são importantes não apenas para a preservação do patrimônio, mas também para promover autoestima entre os negros, especialmente aqueles que frequentam religiões de matriz africana.
- **Intolerância Religiosa e Educação:** A exposição dessas indumentárias tem um papel educativo ao combater a intolerância religiosa e ao ensinar sobre as práticas do candomblé e outras religiões afro-brasileiras. As peças ajudam a contar histórias relacionadas à natureza, aos orixás, e suas conexões com elementos como água, floresta e metalurgia.
- **Necessidade de Preservação do Patrimônio:** Daiane enfatiza que a preservação do patrimônio negro, incluindo as indumentárias, é essencial para manter a identidade cultural e histórica das comunidades negras. Ela afirma que esse legado material é fundamental para o futuro, pois permite que as novas gerações conheçam suas raízes e tradições.

### 5. Problemas no Processo de Restauração

- **Indumentárias em Estado de Conservação Ruim:** Algumas peças, como máscaras e roupas de grupos africanos, chegaram em estado precário e necessitam de restauração urgente. As máscaras estão quebradas, com sinos danificados e oxidação nas partes metálicas. As roupas estão rasgadas e com sinais de uso, mas nunca foram expostas.

Em resumo, o depoimento revela não só as dificuldades estruturais e financeiras do Museu da Abolição, como também destaca a importância das indumentárias como uma forma de expressão cultural vital para a comunidade negra e para a educação sobre as religiões afro-brasileiras. As limitações do museu em termos de espaço, recursos e infraestrutura têm impactado a conservação e exibição de seu acervo, o que representa um desafio significativo para a instituição.

## Museu Paço do Frevo

O Paço do Frevo possui exposições, oferta de cursos, oficinas e formações nas áreas de música e dança, além de seu trabalho de documentação e pesquisa. O museu conta com um acervo composto por livros, partituras, cortes de jornais, acervos pessoais e discos, muitos dos quais foram doados ao longo de sua história. Embora seja uma instituição relativamente jovem, com apenas 10 anos, o Paço já reúne milhares de itens, incluindo materiais digitais como vídeos, fotos e gravações de eventos e apresentações. Além disso, o museu tem um grande impacto na comunidade do frevo, com iniciativas voltadas para a renovação estética, a digitalização de documentos e a preservação da memória, como entrevistas de história oral que registram as narrativas das figuras importantes dessa cultura.

A exposição "Frevo da Cabeça aos Pés" foi relatada pela entrevistada como um grande sucesso no Paço do Frevo, trazendo uma representação simbólica e afetiva do frevo através de objetos de grande significado cultural, como roupas e instrumentos usados por agremiações e passistas. A curadoria buscou envolver a comunidade carnavalesca e fortalecer a relação do frevo com a história do povo negro, evidenciando o trabalho de pessoas, especialmente negras e de periferia, muitas vezes invisibilizadas. Além disso, o Paço do Frevo relatou que se destacou por ser um espaço de formação, pesquisa e apoio a artistas e grupos culturais, oferecendo estrutura para o desenvolvimento de novos trabalhos artísticos.

A fala da entrevistada também revela alguns problemas relacionados ao Paço do Frevo e à exposição "Frevo da Cabeça aos Pés", bem como questões mais amplas sobre o tratamento e reconhecimento do Frevo e de seus criadores. Abaixo estão alguns pontos críticos:

### Problemas no Museu e na Exposição:

#### 1. Falta de Objetos Iniciais:

- Quando o Paço do Frevo abriu em 2014, havia uma grande expectativa do público para ver objetos relacionados ao frevo, como sombrinhas, instrumentos e trajes. No entanto, a falta desses itens foi uma deficiência inicial, o que gerou um vazio de representatividade na exposição.

#### 2. Exposição "Simples" e Limitada:

- A exposição, que tinha como foco objetos do frevo, é descrita como "relativamente simples". A simplicidade da exposição pode ter sido uma limitação no sentido de aprofundar a narrativa ou contextualizar mais detalhadamente a história e a cultura do frevo.

#### 3. Dependência de Redes Pessoais para Empréstimos:

- A curadoria dependia muito das relações pessoais para conseguir empréstimos de objetos. Isso, de certa forma, limitava a amplitude do acervo disponível, além de ser uma consequência de recursos limitados e de uma equipe pequena. A falta de resposta de algumas pessoas também levou a trocas e substituições de objetos, como no caso do traje do Seu Zacarias.

#### 4. Problema de Representação Completa:

- A fala da entrevistada sugere que a exposição não conseguiu representar todas as figuras ou agremiações relevantes dentro da história do frevo. Por

exemplo, ao mencionar que "não foi focar na pessoa tal", a entrevistada aponta o desafio da curadoria em dar conta de todas as contribuições, com a preocupação de que certas pessoas ou grupos não tivessem sua representação adequada. Além disso, a escolha de como representar essas pessoas pode gerar críticas ou insatisfação.

**5. Exclusão de Algumas Pessoas e Agremiações:**

- A curadoria teve dificuldade em incluir todas as figuras e agremiações importantes do frevo, o que gerava conflitos, pois algumas pessoas ficavam de fora das exposições. Esse desafio é particularmente difícil em um espaço onde se tenta equilibrar a história do passado com a realidade atual, como a exposição de figuras contemporâneas do frevo.

**6. Falta de Detalhamento sobre Impacto Social e Cultural:**

- A entrevistada menciona que não havia uma reflexão totalmente formada sobre o impacto da exposição na comunidade negra, apesar de reconhecer a importância histórica do frevo para o povo negro. Isso sugere que a curadoria poderia ter aprofundado mais a discussão sobre o papel do frevo na construção da identidade e cultura negras, e de que forma a exposição dialogava com essas questões de forma mais clara.

## **Falas Problemáticas:**

**1. Incerteza sobre o Impacto na Comunidade Negra:**

- A entrevistada afirma que "precisa pensar mais" sobre o impacto da exposição para a comunidade negra. Isso sugere uma falta de reflexão clara sobre a importância do frevo para a cultura negra, o que poderia ter sido melhor abordado na curadoria e nas narrativas da exposição.

**2. Reconhecimento Insuficiente das Mulheres Negras:**

- Embora se reconheça que as mulheres negras, como Joana Batista, foram fundamentais para o desenvolvimento do frevo, há uma percepção de que essas figuras ainda não recebem o reconhecimento adequado. Isso pode refletir uma falha em dar visibilidade às mulheres negras no contexto das exposições, tanto nas de agora quanto nas anteriores.

**3. Problemas de Acessibilidade e Inclusão:**

- A entrevista menciona que o Paço do Frevo está se esforçando para ser mais inclusivo, mas isso parece ser uma questão que ainda está em processo. A criação de um plano museológico mais inclusivo e focado nas comunidades do Frevo, incluindo pessoas de fora da capital Recife, parece ser uma necessidade que ainda está sendo abordada de forma gradual.

**4. Falta de Clareza no Processo de Empréstimo de Objetos:**

- A entrevistada fala de forma um pouco vaga sobre os processos de empréstimo de objetos, como a troca do traje de Seu Zacarias e o uso de bonecas de Adriana Frevo. Esse tipo de abordagem pode gerar uma sensação de falta de organização e transparência nos processos, o que afeta a credibilidade da exposição.

A fala da entrevistada revela uma boa intenção em representar a história e cultura do frevo, mas também evidencia desafios significativos, como a falta de recursos, a dificuldade em representar todas as figuras importantes e a necessidade de uma maior reflexão sobre o

impacto cultural e social das exposições. Há um esforço em melhorar a inclusão e a representatividade, mas o processo ainda parece estar em evolução, e algumas questões de acessibilidade e visibilidade, especialmente para as mulheres negras e outras figuras históricas, precisam ser mais aprofundadas.

### **MUAFRO O Museu de Artes Afro Brasil Rolando Toro**

O MuAfro, sob a gestão de Lúcia Helena Ramos, é um museu dinâmico e inovador que celebra a arte afro-brasileira, com um acervo rico de máscaras, esculturas e peças que abordam temas como o candomblé e a cultura afro-brasileira. O museu busca ser um "museu vivo", promovendo oficinas de performance, dança e estilismo, além de integrar novas linguagens artísticas. Lúcia destaca a importância de tornar o acervo mais acessível e significativo, como no caso da roupa de Naná Vasconcelos, que está sendo preparada para ser exposta com todo o cuidado, valorizando a memória afetiva e a relevância cultural da peça. O espaço se dedica a preservar e promover a memória artística e cultural de Recife, sendo um local vibrante e de constante produção e aprendizado. Porém a entrevista apresenta algumas falas que revelam questões relacionadas ao museu e suas exposições que podem ser consideradas desafiadoras. Alguns dos problemas abordados no discurso da gestora, Lúcia Helena Ramos, incluem:

1. **Problemas de Infraestrutura e Espaço:** Lúcia fala sobre o desafio de integrar e exibir a indumentária de Naná Vasconcelos no museu. A peça, uma blusa usada pelo artista em seus espetáculos, precisa ser tratada como um "objeto museológico" e, para isso, o museu precisa de um "projeto expográfico", o que envolve adequação de luz, som, e outros elementos como totens para expor a peça. O problema aqui é a falta de uma estrutura adequada para garantir que a exposição dessa peça seja feita de forma que ela seja percebida de maneira coerente com o que Naná representava, o que implica dificuldades de orçamento e planejamento de exposições que ainda não estão implementadas.
2. **Limitações no Acervo e Exposição:** A gestora menciona que o acervo é relativamente pequeno, com apenas 16 máscaras e algumas esculturas, além de outras obras que fazem parte da coleção inicial do museu. A descrição do acervo como "basicamente 16 peças" pode ser vista como uma limitação no volume e na diversidade de peças, o que pode reduzir o impacto do museu e sua capacidade de atrair visitantes. Além disso, o fato de o museu depender muito de exposições temporárias e de "peças vivas" (como oficinas e atividades culturais) para gerar interesse, pode indicar uma falta de estabilidade ou continuidade em sua programação.
3. **Dificuldades de Visibilidade e Preservação:** Lúcia também fala sobre a dificuldade em garantir que a peça de Naná seja exposta da forma adequada, devido à necessidade de um projeto expográfico especializado. Isso revela uma falta de recursos e de uma estrutura permanente que permita ao museu preservar e expor objetos de maneira profissional, sem depender de projetos ad hoc ou improvisados. O fato de a peça de Naná Vasconcelos ainda não estar exposta adequadamente (não está "aqui" no museu) aponta para problemas de implementação e exposição das obras, o que pode afetar a percepção do público sobre a seriedade e a qualidade do museu.

4. **Conflitos de Visão e Proposta:** Embora o museu tenha uma proposta interessante de ser um "museu vivo", incorporando práticas como a biodança e oficinas culturais, a falta de clareza sobre como isso se traduz na visitação e no engajamento do público pode ser um desafio. O conceito de museu vivo é uma proposta inovadora, mas a dificuldade em equilibrar isso com a necessidade de coleções permanentes e de uma curadoria sólida pode causar uma sensação de instabilidade nas exposições, o que dificulta a criação de uma identidade mais forte para o museu.
5. **Gestão de Projetos e Participação de Artistas:** A gestora menciona diversas colaborações com artistas, como a participação de Oluyiá França em oficinas de estilismo e a doação de uma peça de Naná Vasconcelos. Embora essa colaboração seja positiva, também pode ser vista como um indicativo de que o museu depende fortemente de iniciativas externas para manter sua programação ativa, o que pode refletir uma falta de recursos próprios ou uma dificuldade em criar uma agenda cultural autossustentável.

Esses pontos podem ser interpretados como indicativos de uma série de desafios relacionados à gestão e à estrutura do museu, incluindo questões de recursos, planejamento expositivo, infraestrutura e sustentabilidade a longo prazo.

### **Museu Cais do Sertão**

O Museu Cais do Sertão oferece uma rica experiência de imersão na cultura nordestina, com destaque para as peças de vestuário que contam a história do sertanejo e de figuras icônicas como Luiz Gonzaga. A gestora Keila Cerqueira enfatiza a importância dessas roupas, especialmente as que fazem parte das "Joias da Coroa", como as réplicas das vestimentas de Gonzaga, que ilustram sua evolução ao longo das décadas. Além disso, o museu preserva trajes tradicionais, como os usados pelos vaqueiros e cangaceiros, e promove a acessibilidade com itens táteis, permitindo que os visitantes, incluindo pessoas com deficiência visual, possam vivenciar a riqueza da cultura sertaneja através do toque. Keila destaca a relevância de guardar e expor algumas roupas simples, mas significativas, como forma de valorizar as raízes do povo sertanejo. Porém se faz necessário apontar alguns dos problemas do Museu Cais do Sertão que envolvem questões relacionadas à forma como o acervo e as exposições estão estruturados, além de falhas de comunicação e estruturação. Abaixo estão alguns desses problemas:

#### **1. Problemas na Exposição e Comunicação de Peças**

- **Falta de Contextualização Adequada:** Embora a entrevistada mencione as roupas e outros objetos, ela não fornece detalhes sobre como esses itens foram preservados ou restaurados, o que é importante para um museu de patrimônio cultural. Além disso, a conexão entre a história do museu e os objetos exibidos pode ser mais explicada. Por exemplo, as roupas de Luiz Gonzaga são apresentadas, mas não se dá ênfase à sua importância cultural e à relação delas com o contexto da música nordestina e a população negra.
- **Poderia Haver Mais Informações sobre o Processo de Curadoria:** A entrevista menciona que as roupas de Luiz Gonzaga foram feitas por Romildo Aprígio, mas não há detalhes sobre o processo de curadoria, o que poderia enriquecer a narrativa.

## 2. Desafios na Exposição de Roupas e Objetos

- **Problemas com a Exposição de Roupas Tácteis:** a criação de um gibão tátil para pessoas cegas é uma boa iniciativa, mas poderia ser mencionado como ele foi desenvolvido e testado, ou se houve algum feedback de deficientes visuais sobre a experiência. Embora a ideia seja positiva, a falta de detalhamento sobre o uso do gibão tátil pode levar a questionamentos sobre a eficácia e a acessibilidade de outras partes da exposição para pessoas com deficiência visual.
- **Exposição de Roupas Simples e Não Famosas:** a pedido da entrevistadora a entrevistada destaca a importância de preservar e expor roupas de pessoas simples, como os sertanejos, mas isso parece um pouco desconexo com o foco maior no museu, que dá bastante ênfase às figuras famosas como Luiz Gonzaga. A relação entre esses dois tipos de roupas e a forma como elas ajudam a contar a história do sertão poderia ser mais desenvolvida.

## 3. Problemas na Interpretação Cultural

- **Imprecisão sobre Lampião:** Quando se fala sobre Lampião, a entrevistada menciona que "uns acham o Lampião herói, outros acham o Lampião bandido", mas essa descrição é muito simplista. A figura de Lampião é uma das mais complexas do nordeste brasileiro, e seu legado vai além de simples dicotomias de herói ou vilão. O museu poderia aproveitar essa oportunidade para oferecer uma interpretação mais profunda e educativa sobre o impacto de Lampião na história do sertão.

## 4. Possíveis Falhas na Entrevista

- **Falta de Clareza sobre os "Territórios" do Museu:** O museu é dividido em "territórios" (viver, ocupar, cantar, etc.), mas a entrevista não fornece uma descrição clara de como esses territórios estão organizados fisicamente no espaço e como cada um contribui para a narrativa. Isso pode confundir os visitantes que esperam uma explicação mais clara e acessível sobre a organização do museu.
- **Desorganização na Apresentação das Informações:** Algumas seções da entrevista parecem desorganizadas, saltando de um tópico para outro (como de Luiz Gonzaga para Lampião e depois para os vaqueiros), sem uma transição clara entre as ideias. Isso pode dificultar a compreensão da história e do conceito do museu.

Em resumo, o Museu Cais do Sertão apresenta algumas boas ideias, como o gibão tátil e a preservação de roupas sertanejas, mas também enfrenta desafios na clareza de sua narrativa, na exposição de seus objetos e na abordagem cultural de temas importantes como a negritude sertaneja.

### Museu do Homem do Nordeste

A entrevistada destaca a importância do Museu do Homem do Nordeste como um guardião da memória afro-brasileira, evidenciada por seu acervo diversificado e rico, com mais de 330 objetos, incluindo indumentárias e objetos de maracatus e Babalorixás. O destaque vai para as indumentárias de Dona Santa e das Três Calungas, exemplificando a riqueza cultural dos trajes típicos, como o de rainha de Maracatu, composto por materiais refinados

como brocado e bordados manuais. A entrevistada também ressalta a relevância da museologia, que, ao tratar dos dados intrínsecos e extrínsecos dos objetos, cria um vínculo profundo com a memória social, permitindo que o público acesse essas informações por meio do site do museu, facilitando a preservação e disseminação cultural.

Destaca-se em relação ao trabalho contínuo e cuidadoso de reexploração e valorização do acervo de religiões de matriz africana. O museu tem buscado não apenas preservar e catalogar essas peças, mas também oferecer um olhar mais profundo sobre o significado religioso e cultural dos objetos. Com iniciativas como a parceria com o projeto PRODOC, que envolve consultoria especializada, o museu está elaborando um diagnóstico detalhado de seu acervo, permitindo um entendimento mais amplo e respeitoso das coleções. A recuperação e exibição de peças como as do Maracatu Elefante e de Mário Miranda também demonstram um esforço significativo para resgatar e dar visibilidade a esses importantes elementos culturais afro-brasileiros.

Outro aspecto positivo do museu é o seu compromisso com a educação e o diálogo com o público. Por meio de oficinas e exposições, como a colaboração com o Xambá e o memorial sobre o Maracatu, o museu busca não só preservar, mas também educar e sensibilizar o público sobre a riqueza das tradições afro-brasileiras. Embora haja desafios, como a resistência de algumas escolas católicas ao acervo religioso de matriz africana, o museu trabalha para proporcionar uma compreensão mais profunda e respeitosa sobre essas culturas, promovendo discussões que vão além da estética, abordando a espiritualidade e o significado social desses objetos.

Como em muitas instituições históricas, o museu enfrenta desafios relacionados à preservação, interpretação e acesso a essas coleções. A seguir, apresento aspectos negativos que envolvem o museu de acordo com a entrevista

1. **Falta de Diversidade no Acervo:** O acervo do museu, embora significativo em número, é limitado quanto às origens das peças. A maior parte das coleções está associada ao candomblé, maracatu e jurema, e ainda carece de uma maior diversidade de regiões e vertentes. A falta de uma curadoria mais inclusiva e abrangente pode resultar numa visão incompleta da riqueza cultural.
2. **Desafios na Interatividade e no Público Escolar:** O museu enfrenta resistência de algumas escolas de viés católico que evitam as seções de exposições relacionadas aos orixás, devido à natureza religiosa dessas peças. Esse tipo de resistência revela uma falta de compreensão sobre a importância religiosa e cultural dessas tradições e destaca a necessidade de uma abordagem mais educativa e integradora, que enfrente essas tensões de forma construtiva.
3. **Deficiência na Política de Aquisição:** A política de aquisição do museu, embora esteja sendo reformulada, carece de clareza e estrutura. O processo de aquisição de novas peças exige a aprovação de uma comissão interna e não é sempre transparente ou consistente. Isso resulta em uma lacuna na representação de outras vertentes religiosas ou culturais e dificulta o crescimento contínuo e a renovação do acervo.

Embora o Museu do Homem do Nordeste seja aparentemente o mais preparado, ele ainda enfrenta, assim como outros museus, desafios em relação à apresentação de algumas

indumentárias em seu acervo. O fato de algumas peças não terem informações essenciais como origem e data é uma limitação significativa, comum em vários museus. (uma etiqueta ou tabela deverá conter as seguintes informações: autor da obra, título, data, técnica, dimensões, ou país de origem e etc... é uma “carteira de identidade” da obra).

### **Museu de Gonzagão**

A entrevistada Romária Baixo é guia do Museu do Gonzagão, localizado no Parque Asa Branca, em Exu, Pernambuco, cidade natal de Luiz Gonzaga. O parque, que foi a antiga fazenda Itamarají, foi adquirido por Gonzaga em 1974 e se tornou o local onde ele passou seus últimos anos. O museu abriga o maior acervo de itens originais do cantor, como suas icônicas vestimentas de couro, sanfonas e discos de platina. Além disso, o local preserva a última residência de Seu Januário, pai de Luiz Gonzaga, e o mausoléu onde o rei do baião está enterrado junto com sua esposa, Helena. Romária destaca ainda a importância da casa de taipa, uma réplica da residência onde Luiz Gonzaga nasceu, a guia transmite uma grande felicidade ao falar sobre o museu e a vida de Luiz Gonzaga. Ela expressa com entusiasmo sua alegria por ser gravada e, com um sorriso contagiante, compartilha seu amor e admiração por Luiz Gonzaga.

O acervo do museu é uma rica representação da cultura nordestina, com destaque para as vestimentas que Luiz Gonzaga usou ao longo de sua carreira, como o gibão de couro e o chapéu que fazem referência ao vaqueiro e ao cangaço. Essas peças foram feitas por artesãos da região e são símbolos da valorização das tradições locais. Romária também explica como as roupas de Gonzaga, como a que ele usou para homenagear o Papa João Paulo II, têm um profundo significado cultural e histórico. O museu oferece aos turistas a chance de se conectar com Luiz Gonzaga, permitindo fotos com réplicas das vestimentas, proporcionando uma imersão.

Embora o local seja um importante centro cultural e turístico, com um acervo rico e genuíno, alguns aspectos negativos podem ser destacados.

1. **Falta de climatização:** a falta de climatização nas salas de visitação pode ser desconfortável para os visitantes, especialmente em dias de calor intenso. As instalações do museu, embora cheias de história, poderiam beneficiar-se de um ambiente mais agradável e também para conservação do acervo.
2. **Restrições de acesso e fotografia:** a exclusividade e a restrição de acesso às peças originais, como o famoso gibão de couro de Luiz Gonzaga, que, além de ser uma relíquia, não pode ser removido para estudos ou fotografado pelos visitantes.
3. **Ausência de menção à identidade racial de Luiz Gonzaga:** a ausência de referência ao fato de Luiz Gonzaga ser um homem negro, o que poderia ser uma reflexão significativa sobre sua identidade e contribuição cultural. Essas lacunas podem diminuir a compreensão completa do impacto de Gonzaga e da história do Nordeste brasileiro.
4. **Desatualização no formato de interação com o público:** Apesar de ser um local de grande importância histórica, o museu poderia investir em tecnologias interativas, como audioguias ou painéis digitais, para melhorar a experiência do visitante.

Em conclusão, o Museu do Gonzagão é sem dúvida um local essencial para preservar e compartilhar a memória do artista, mas a experiência do visitante poderia ser aprimorada,

tanto em termos de infraestrutura quanto na abordagem mais inclusiva da narrativa histórica.

Se faz importante incluir nesse relatório que Luiz Gonzaga, um homem negro e nordestino, superou diversas adversidades para se tornar um dos maiores ícones da música brasileira. Nascido em uma família pobre no interior de Pernambuco, sua vida simples serviu de inspiração para sua carreira musical, marcada pela valorização da cultura nordestina. Gonzaga enfrentou preconceitos, incluindo um episódio em que foi impedido de se apresentar na rádio devido aos trajes típicos nordestinos. No entanto, ele persistiu e fez do seu estilo, incluindo o chapéu de couro, uma marca registrada. (Nos anos de 1940, o traje típico do sertanejo nordestino ainda era associado ao bando de Lampião, que foi morto pela polícia dois anos antes, em 1938).

A escolha de Gonzaga em vestir roupas típicas do sertanejo nordestino – que poderiam ser, perneira, chapéu de couro, gibão, camisa de algodão e calças de brim – não é apenas uma questão estética, mas uma forma de afirmação de sua identidade cultural, uma mescla entre vaqueiro e cangaceiro. Em um período em que a cultura nordestina, especialmente a música e a vestimenta, era vista com desprezo na sociedade urbana, associada ao cangaço e à pobreza, ele transformou esses símbolos em marcas de sua própria identidade. O estudo da época e das vivências de Luiz Gonzaga, sobretudo suas escolhas de vestuário, torna-se uma maneira de compreender o contexto de uma pessoa negra do interior do Brasil. Seu figurino não só representava suas origens e sua cultura, mas também se tornava um símbolo de resistência política e social.

#### **Conclusão Geral do relatório:**

Com um viés geral e compreendendo as limitações orçamentárias dos museus e o fato de que os entrevistados não são especialistas em indumentária negra, mas que os museus possuem itens de indumentária negra em seus acervos ou já realizaram exposições, algumas considerações finais para melhorar essas situações poderiam ser feitas:

- **Parcerias com especialistas e comunidades:** Mesmo com orçamentos limitados, os museus podem buscar parcerias com pesquisadores, historiadores ou mestres das culturas afro-brasileiras. Isso poderia enriquecer a curadoria e garantir uma abordagem mais especializada, ao mesmo tempo em que se fortalece a conexão com as comunidades originárias dessas peças.
- **Capacitação contínua da equipe:** Investir em treinamentos e workshops para os profissionais do museu sobre a história, significados e técnicas de indumentária negra pode ajudar a melhorar a qualidade da exposição e do conteúdo oferecido. Tais capacitações podem ser feitas com custos reduzidos, buscando parcerias com universidades ou especialistas voluntários.
- **Apoio a ações de inclusão e diversidade:** Considerando a relevância cultural da indumentária negra, os museus podem investir em ações que promovam a inclusão de representantes da cultura afro-brasileira na curadoria e na gestão do acervo. Isso poderia ajudar a evitar a apropriação cultural e assegurar que as representações sejam mais autênticas e diversificadas.
- **Uso de recursos digitais para ampliar a acessibilidade e o impacto:** Os museus poderiam investir em plataformas digitais para oferecer conteúdos interativos, como

vídeos e podcasts, explicando a história e o significado dos itens de indumentária negra. Isso também poderia incluir tours virtuais ou recursos que permitam uma experiência mais profunda e acessível para diferentes públicos, sem grandes investimentos financeiros.

- **Aprimoramento da exposição e contextualização dos objetos:** Mesmo com recursos limitados, uma boa estratégia seria revisar a forma como os objetos estão expostos. Isso inclui melhorar as legendas, criar painéis explicativos mais detalhados sobre o contexto histórico e cultural dos itens e promover visitas guiadas que enfoquem a riqueza e diversidade da indumentária negra.
- **Projetos de engajamento comunitário:** Os museus podem buscar parcerias com grupos comunitários para organizar eventos que celebrem e ensinem sobre as práticas culturais relacionadas à indumentária negra, como oficinas, debates, cursos, desfiles culturais ou apresentações. Isso não só enriquece a experiência do público, mas também fortalece os laços com as comunidades que são representadas no acervo.

Essas ações, apesar de dependentes de orçamentos restritos, poderiam contribuir para melhorar a qualidade da apresentação e preservação da indumentária negra no museu, promovendo uma abordagem mais respeitosa, precisa e enriquecedora.

Uma observação importante que poderia ter sido incluída nos museus dedicados à cultura do Nordeste, como o Museu do Homem do Nordeste, o Museu Cais do Sertão e o Museu do Gonzagão, é a ausência de uma reflexão mais profunda sobre a população negra do interior do Nordeste brasileiro e a grande influência islâmica na formação cultural e simbólica dessa região.

Desta forma, é crucial destacar a presença significativa da população negra no sertão nordestino, tanto no contexto da formação histórica da região quanto nas práticas culturais que se estabeleceram ao longo do tempo e merecem mais espaço nas narrativas museológicas. No entanto, muitas vezes, essas contribuições são minimizadas ou não abordadas de maneira adequada, especialmente nas exposições sobre a vida rural e os aspectos culturais do interior. Uma proposta valiosa seria que esses museus apresentassem a trajetória da população negra no Nordeste de maneira mais contextualizada e dinâmica, talvez dividindo-a por décadas ou séculos, sem a ótica exótica e estereotipada que por vezes aparece nas exposições. **Em vez de simplesmente destacar as manifestações culturais mais visíveis e folclóricas, os museus poderiam investigar mais profundamente as condições históricas, sociais e econômicas dessa população ao longo do tempo.** Um aspecto essencial que poderia ser mais destacado é a vestimenta do dia a dia da população negra, que muitas vezes é negligenciada. A roupa que usavam, especialmente no contexto rural, trazia não só uma funcionalidade ligada ao trabalho, eventos familiares e festividades, mas também simbolismos culturais.

Além disso, outro aspecto cultural importante que poderia ser mais explorado é a influência islâmica, particularmente na indumentária, nas simbologias e nas práticas culturais do sertão. A presença dos árabes na Península Ibérica, seguida pela introdução dessas influências no Brasil, moldou aspectos significativos da cultura nordestina. A arte de trabalhar o couro, o uso de adornos místicos como a Estrela de Salomão, os traços da vestimenta dos cangaceiros e vaqueiros, como o gibão e o safão, são exemplos claros

dessa fusão cultural. No entanto, essa herança islâmica é raramente mencionada nos museus, o que limita a compreensão de como as trocas culturais e religiosas influenciaram as tradições do sertão.

Essas duas importantes dimensões – a presença e o impacto da população negra e a influência islâmica – são fundamentais para entender a complexidade cultural do Nordeste, mas infelizmente não são suficientemente abordadas nas exposições desses museus. Incluir essas perspectivas poderia enriquecer ainda mais a compreensão do público sobre as diversas origens e influências que formaram o sertão nordestino, revelando a multiplicidade e a profundidade das raízes culturais da região.

Conclui-se que apesar das dificuldades encontradas, como a escassez de recursos, a falta de clareza nas narrativas e a ausência de representatividade nas exposições, a pesquisa de Oluyiá destaca a importância de continuar a busca pela preservação e valorização da memória negra pernambucana. Ela reflete sobre a importância da indumentária como um meio de contar a história do povo negro e como sua pesquisa, embora difícil, é essencial para construir um futuro onde a cultura negra seja mais visível e respeitada. A experiência, marcada por desafios pessoais e emocionais, reforça a necessidade de uma abordagem mais consciente e inclusiva nos museus, com o objetivo de preservar e compartilhar as raízes culturais do povo negro. Especialmente ao perceber o apagamento da memória negra e a substituição da história do povo negro por narrativas brancas.

### **Meu Desabafo:**

Após meses de pesquisa, foi em Exu que finalmente me senti tocada de forma profunda. A pesquisa foi difícil, pois, embora saibamos que espaços culturais muitas vezes apagam ou distorcem nossa história, a realidade de ver isso pessoalmente é muito mais impactante. A indumentária, enquanto arte e história do vestuário, desperta em mim muitos pensamentos, questionamentos e até algumas certezas. O vestuário não é apenas um conjunto de peças de roupas, mas carrega em si significados culturais e sociais profundos, como demonstrado pelas diferentes definições que o cercam, como traje, vestimenta e veste.

A **indumentária** é definida como a arte e a história do vestuário. Sendo ela determinada pelo uso do vestuário em relação às épocas ou povos, pode igualmente ser definida como traje, indumento, induto e vestuário (FERREIRA, 1993, p. 760). Não obstante, o **traje** é caracterizado como o vestuário habitual ou próprio de uma profissão, estando relacionado a uma função específica (FERREIRA, 1993, p.1395). Enquanto isso, o **vestuário** é descrito como um conjunto de peças de roupas que vestem um indivíduo (FERREIRA, 1993, p. 1456), diferentemente da **veste**, que é elucidada como uma peça de roupa que reveste exteriormente o indivíduo e que o caracteriza. Esta também pode ser entendida como vestido, vestidura ou vestimenta (FERREIRA, 1993, p. 1456). Assim sendo, a **vestimenta** é delineada como veste, a exemplo de vestes sacerdotais em cerimônias solenes (FERREIRA, 1993, p. 1456).

(FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.)

Para continuar a jornada e manter a firmeza, ouvi muito Nina Simone, que me reconectou com minha causa e com a luta do meu povo. A luta é difícil, pois muitas vezes, embora os não-negros possam ver e ler sobre nossa realidade, eles não compreendem verdadeiramente o poder, a cultura e o peso que carregamos. Em momentos como esses, as lágrimas se tornam minha forma de expressão. A presença das minhas amigas Beatriz (amiga de infância que apresentei essa minha pesquisa e ela me incentivou a colocar no

edital do Funcultura) e Dani (nova amiga que nos leva pra cima pra baixo no seu carro e é de extrema confiança) foi essencial, assim como o apoio de Ubira, um homem negro que me ajudou emocionalmente na produção da pesquisa. Esse apoio de Bira foi crucial durante meses de exaustão, entre a pesquisa, palestras, oficinas voluntárias e o trabalho com meus clientes.

É importante destacar, por motivos óbvios, que em nenhum momento eu afirmei ou deixei implícito que as pessoas ou instituições envolvidas nesta pesquisa sejam racistas. O objetivo da pesquisa não é atacar indivíduos ou instituições, mas sim entender e refletir sobre a presença e a representação da indumentária negra nos museus de Pernambuco. Estou conduzindo este estudo como uma mulher negra de 38 anos, com vivências em espaços diversos e uma leitura ampla sobre a indumentária negra. Diante disso, é natural que eu, ao abordar o tema da indumentária negra nos museus, levante questões e faça relatos sobre o que vejo, sem que isso seja interpretado como uma acusação. Cito aqui alguns exemplos reservados para essa parte do relatório:

Em um museu uma entrevistada, quando foi abordada sobre a negritude e a importância deste museu para as pessoas negras no estado de Pernambuco, pareceu não ter nenhum entendimento claro sobre o tema em questão, em vez disso, em um primeiro momento onde ficou visivelmente desconfortável usou suas próprias experiências religiosas para responder de maneira genérica e superficial. Isso pode ser um sinal de que ela não estava totalmente preparada para discutir o tema de forma mais profunda e específica, e optou por relatar experiências pessoais, que podem ter sido mais fácil de compartilhar, mas sem realmente abordar o assunto de forma crítica ou informada.

Ao falar de forma genérica, ela pode estar tentando transmitir uma impressão de respeito sem, de fato, demonstrar conhecimento substancial sobre as práticas religiosas de povos negros ou suas especificidades. Isso pode acontecer, por exemplo, quando a pessoa se sente desconfortável ao abordar um tema delicado como o racismo ou as questões culturais de minorias e, em vez de se aprofundar, opta por dar uma resposta que a exime de ser criticada. Essa estratégia pode ser vista como uma tentativa de evitar discussões mais difíceis ou desconfortáveis, ao mesmo tempo em que busca parecer respeitosa e sensível. No entanto, essa abordagem pode ser percebida como uma forma de "performar" o respeito, sem um verdadeiro entendimento ou envolvimento com o tema, o que compromete a credibilidade e a profundidade da conversa.

Em outro museu, uma situação que vivi evidenciou um mal-entendido entre eu, como entrevistadora, e a entrevistada sobre a relevância da identidade racial de uma personalidade histórica representada no museu. Quando perguntei sobre o fato de essa pessoa ser negra, minha intenção era destacar a ausência dessa informação no contexto da exposição, já que esse aspecto relevante da identidade do indivíduo não havia sido mencionado. No entanto, a entrevistada, surpresa com a minha pergunta, a interpretou como uma ofensa, como se a simples menção à etnia da personalidade estivesse diminuindo sua importância ou relevância.

Durante a entrevista, a entrevistada falou por duas vezes sobre as características físicas da mãe não negra do indivíduo e mencionou brevemente que o pai do indivíduo tinha uma pele escura, negro. **Essa reação mostrou como a questão racial, quando não é abordada de forma explícita ou considerada parte integrante da narrativa, pode gerar esses**

**desconfortos**, especialmente em contextos onde a identidade de indivíduos notoriamente negros são minimizadas ou silenciadas.

Em outro museu, perguntei onde estavam as representações das pessoas negras no acervo, e, também com surpresa pela minha pergunta, o entrevistado ficou visivelmente nervoso e me indicou algumas poucas peças com imagens de pessoas negras. Para mim, é difícil entender como, em museus que visivelmente têm temas ou pessoas negras no seu acervo, uma pergunta como essa ainda é vista como surpresa, inesperada e, em muitos casos, até incômoda. O fato de eu precisar questionar sobre a presença de representações negras em um espaço que deveria ser dedicado à preservação e à celebração da diversidade cultural, evidencia uma lacuna histórica ainda presente em muitas instituições culturais. Essa reação revela o quanto, mesmo nos espaços que teoricamente deveriam promover a inclusão e a valorização da história negra, o racismo estrutural ainda persiste, não apenas nas exposições, mas também nas percepções e nas atitudes dos profissionais que ali trabalham. **A simples indagação sobre a representatividade negra se torna um choque porque ela não faz parte do discurso predominante da pessoa ou instituição.**

Perceba que a minha intenção com essa pesquisa não é, de forma alguma, apontar o dedo para pessoas específicas, mas sim trazer à tona as falhas e lacunas na política pública e privada sobre a cultura do estado. Não se trata de buscar culpados individuais, mas de evidenciar a urgência de uma mudança no trato e valorização da cultura negra nos espaços culturais. O objetivo é destacar a necessidade de mais informações, investimentos financeiros adequados e de um olhar mais atento para a inclusão de pessoas negras nas gestões desses museus, espaços que têm o poder de construir e preservar a memória cultural do nosso estado.

Ao focar na importância da indumentária negra, quero mostrar que esses elementos não são meras roupas, adereços ou acessórios, mas símbolos de resistência, história e identidade. Falar sobre as pessoas negras e suas contribuições é essencial para a evolução de Pernambuco como um todo. **As narrativas negras precisam ser integradas às narrativas principais, e sua ausência em muitos espaços culturais reflete uma falha histórica em reconhecer e valorizar a nossa própria formação cultural.** A presença de pessoas negras nas gestões desses museus e espaços culturais é não só uma questão de representatividade, mas também de justiça histórica e equidade.

Então mostrar o impacto da cultura negra, seja na moda, na música, nas tradições ou na gestão desses espaços, é uma forma de contribuir para uma sociedade mais justa, mais plural e, acima de tudo, mais consciente de sua própria história. **O trabalho de resgatar e celebrar as trajetórias negras é um passo fundamental para que Pernambuco e seus museus se tornem verdadeiramente inclusivos, representativos e preparados para contar a história de todos os seus cidadãos, sem omissões ou distorções.** É preciso que a presença e a história negra sejam tratadas com a devida importância, sem que surpresas ou desconfortos surjam de ambas as partes a cada questionamento.

Resumo, lamentando a escassez de informações sobre o tema em museus de Pernambuco, e que foram momentos desafiadores, mas tenho esperança de que a nova geração continue a buscar, de forma incansável, pela memória negra pernambucana,

permitindo que nossas raízes floresçam em um futuro mais inclusivo, representativo e sustentável para o ser. **Uma história contada por nós.**